

Écon. Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO

02 OUT 1998

**S**e tudo andar bem, o próximo ano será muito ruim para quase todo o mundo, de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Haverá salvação no horizonte, mas antes disso será preciso passar pelo purgatório. O Brasil terá de fazer seus ajustes, arrumando as contas internas e recuperando a confiança do aplicador estrangeiro, num ambiente de baixo crescimento econômico, feroz competição comercial e escasso financiamento externo – sem contar, naturalmente, o provável pacote de ajuda negociado neste fim de ano. Não se pode ser muito mais otimista, com base nas novas projeções do FMI.

O cenário escureceu consideravelmente depois de maio, quando os técnicos do Fundo ainda previam, para este ano, um produto mundial 3,1% maior que o de 1997. O recém-divulgado *World Economic Outlook (Perspectivas da Economia Mundial)* reflete a piora ocorrida a partir de agosto, principalmente, quando ocorreu a moratória russa e aumentaram as pressões sobre a América Latina. A estimativa foi revista para 2% e a de 1999 caiu de 3,7% para 2,5%. No próximo ano, o mundo em desenvolvimento exportará 5,5% mais do que em 1998, segundo a projeção revista, mas o novo número

é 1,2 ponto menor que o estimado em maio. No Hemisfério Ocidental, as economias em desenvolvimento poderão receber capitais, em termos líquidos, equivalentes a US\$ 66,6 bilhões, US\$ 9,6 bilhões a menos que o fluxo calculado para este ano.

Tudo isto se baseia, porém, numa série de hipóteses bastante favoráveis – entre elas um ajuste bem-sucedido na Ásia e juros menores para as economias em desenvolvimento. Se der tudo certo, haverá uma recuperação gradual das economias em 1999 e uma volta ao ritmo de expansão de longo prazo no ano 2000. O parágrafo seguinte começa com a seguinte ressalva: “De fato, um resultado significativamente pior é claramente possível.” Se o relatório fosse musical, essa frase poderia ser o refrão. Uma retração econômica mais ampla e mais profunda pode perfeitamente ocorrer, provocada por uma série de fatores inter-relacionados. Exemplos: os investidores e bancos internacionais poderão afastar-se por muito tempo dos mercados emergentes, poderão ocorrer problemas nos pagamentos internacionais, o sistema comercial estará sujeito a entraves e haverá, nesse ambiente, risco de novas quedas nos preços de bens reais, como ações e matérias-primas.

Não se trata apenas de enumerar possibilidades para criar diferentes cenários. Há algo mais sólido na preocupação revelada pelos autores do trabalho. A presente situação econômica, segundo eles, é “excepcionalmente frágil”. Para começar, a melhora observada nas contas externas de vários países da Ásia, desde o início da crise, resultou mais da compressão de importações que do aumento das vendas ao exterior. A recessão, nesses países, foi mais profunda que a esperada. Apesar de algum avanço nas políticas de ajuste, especialmente na Coréia e na Tailândia, as possibilidades de recuperação econômica ainda são pequenas, para o conjunto da região. As medidas tomadas no Japão produziram resultado modesto. A política japonesa, insistem os autores do trabalho, continua a ser decisiva para os rumos da economia asiática – e os incentivos criados ainda são insuficientes. A China continua muito mais próspera que seus vizinhos, mas seu crescimento projetado para este ano foi revisto para 5,5%. No começo de 1998, ainda se falava em 7% ou pouco mais. Com a crise russa – de su-

peração especialmente difícil – e os problemas na América Latina, todo o cenário escureceu e as perspectivas também.

De modo geral, os problemas da América Latina são descritos sumariamente, com um parágrafo dedicado a cada uma das principais economias. As dificuldades brasileiras, a partir de setembro, são relacionadas à insegurança acrescida com a crise na Rússia. As principais medidas do governo para enfrentar a crise são descritas

**Cenário externo ruim em 99 torna o apoio ao Brasil ainda mais importante – e não só para o País**

e há referência às promessas de ajuste fiscal para 1999.

Conhecer este cenário mundial é indispensável para avaliar, com alguma precisão, a complexidade do ajuste necessário, nas contas internas e externas, a partir de agora – ou dos primeiros dias depois da eleição. Isto é visível para os técnicos do FMI e para executivos com peso no mundo empresarial e no governo dos Estados Unidos. Eles sabem a importância de um substancial apoio financeiro ao Brasil e as implicações de uma quebra da economia brasileira. São, nesta altura, fatores positivos para a negociação de um programa de ajuda.